

Página em falta

Página em falta

zer-lhe correr pelas faces lagrimas de fel que queimam.

A alegria estava n'elle como a luz n'um astro.

Essa alegria é um dom de Deus. Muita vez faz rir a ironia que morde; a miseria, as traições, as desgraças fazem rir. O coveiro no Hamlet philosophando, Triboulet aleijado procurando a filha, Alceste com a sua *misanthropy*, o cavalheiresco D. Quixote, o mais puro de todos os santos criados pela fantasia humana, a cavallo no Rossinante, batendo-se contra moinhos, escancaram-nos as boccas em gargalhadas amargas, que fazem doer. Risos ao pé das lagrimas. A vida.

Não era assim que Gervasio fazia rir. A alegria da sua alma, a alegria da sua vida, a alegria exuberante, era essa que elle entornava caudalosamente na conversação, em cartas, em artigos, em romances, nas comedias, nas operas comicas, em toda a sua obra, nos livros, nos jornaes e no theatro. Os typos que elle criava eram francamente comicos, as situações em que os embrulhava fantasticamente alegres, os desfechos das suas peças uma gargalhada que se prolongava, enquanto durava a lembrança.

A alegria d'elle era um dom de Deus e a sua obra foi bemditada. Por muitos annos ainda ha de fazer-nos rir, d'esse riso que é uma bençã e que por momentos accende uma luz santa nas trevas d'uma alma que procura o esquecimento. Riso bemditado, que ha de subir ao céo como uma oração!

Tão santo foi que até nas horas tristes da doença, que o levou do leito, onde tanto soffreu, para a sepultura, onde emfim descança, não gemeu um só queixume, não teve um dito de impaciencia, não murmurou uma só phrase, d'onde se pudesse concluir que o martyrisava uma dôr ou que o amedrontava a morte. Só teve palavras boas para os amigos, ditos graciosos, meiguices. Quando lhe custava a falar, estendia-nos as mãos, apertava as nossas entre as suas, aflagando-as.

Foi no sabbado de manhã que a saude lhe fez a costumada visita. Já não deveria enganar ninguém; é a esperança quem nos engana. Ninguém vê, ninguém percebe que é a morte que está dentro d'elles e que misericordiosamente começa seu officio matando-lhes as dores, pobres doentes, que são sempre os primeiros enganados!

Gervasio adormecêra durante perto d'uma

hora com a cabeça sobre o hombro d'um dos seus amigos mais caros, seu companheiro de trabalhos no ministerio do reino, Caldeira Rebollo. Acordou descançado, contente. Perguntou-me:

— Que horas são?

Respondi-lhe:

— Quasi dia. Não ouves a tutinegra?

Gervasio apurou o ouvido, de todos os sentidos o que conservou mais vivo durante a doença.

Era uma tutinegra real que fizera o ninho mesmo ao pé de casa, n'um arbusto junto ao poço.

— E' uma tutinegra aquillo?

E sorria muito contente, ouvindo-a.

— Abre a janella, disse-me. Toda, toda... Abre as duas janellas.

N'esse momento sua cunhada entrou no quarto. Já tivera noticias; sabia que passára melhor a noite; vinha contente, sorrindo-se. Elle, muito feliz, saudou a irmã, com o olhar muito alegre, olhando para a porta por onde ella entrara, para as janellas que davam sobre o jardim, hesitante, como não sabendo de que lado vinha a madrugada. Sua mulher, que os amigos de Gervasio obrigaram, n'essa noite em que elle estava melhor, a descançar por momentos, cançada de tantas noites perdidas entrou no quarto pouco depois. Trazia-lhe uma medalha. Gervasio pegou n'ella, olhou-a pelos dois lados, depois devotamente beijou-a e olhou para mim a sorrir-se. E n'aquelle sorriso dizia tanto! Havia tanto reconhecimento para a crença devota da mulher, tanta fé n'aquelle beijo!

Foi preciso arranjar-lhe a cama. Carlos Ribeiro da Silva, sobrinho de Gervasio, mudou-o para a *chaise longue*. Foi uma balburdia na luz intensamente alegre d'aquella manhã de maio. Gervasio ria, mostrando as bolhas enormes que os sinapismos lhe haviam feito e chamava áquillo a sua desgraça. E nós cheios de esperança!...

De repente voltou-se para Caldeira Rebollo.

— Parabens.

— Porquê? perguntou este admirado, mas muito sinceramente.

— Faz hoje annos a rainha de Inglaterra.

E era verdade, embora viessem tão fóra de proposito a novidade e os parabens.

E como todos riamos, elle fazia:

— Schiu...!

Calava-se tudo á espera. Elle de ouvido á escuta. Depois muito baixinho, como se tivesse medo de interromper-a:

— A tutinegra!

O passarinho cantava no alto d'uma acacia, nos ultimos ramos baloiçados pelo vento da madrugada. Elle que vôa sempre tão baixo, que tão baixo faz o ninho, parece ter escolhido aquelle sitio para que o ouvissem melhor.

Passou assim alegre toda essa manhã, fazendo projectos de trabalho, um pouco preocupado pela falta de dinheiro, que não tinha mais que para dois ou tres dias. Falou-me no *Champignol*, cuja traducção deveria ser representada pela companhia do Taveira no Rio de Janeiro, no romance historico cujo assumpto ainda não escolhera, nos arranjos a fazer no *Cóco*, *Reineta e Facada* para tornar viavel a peça.

E o seu castello de felicidade continuava de pé, pobre Gervasio!

Poucas horas depois, n'aquelle mesmo sitio em que tanto sonhára, armava-se a camara ardente. No caixão cheio de flôres viçosas de lagrimas, Gervasio dormia. O rosto que a doença transtornára, fazendo-lhe descahir as faces, embranquecendo-lhe as barbas, amortecendo-lhe os olhos, vincando-lhe rugas dolorosas aos cantos da bocca, tomára aquella expressão de santa serenidade que nos faz crêr que a morte é um bem, longe de ser um castigo. Sob o longo bigode grisalho a bocca sorria; os olhos entreabertos tinham um olhar dulcissimo.

As vélas crepitavam d'um lado e outro do crucifixo ante que elle tanta vez ajoelhára e, na paz augusta d'aquelle silencio que rodeia a morte, ouviam-se, ao longe, cá em baixo, os rumores da cidade, que lhe a elle devia tantas horas alegres.

Foi amanhecendo pouco a pouco, mas a tutinegra não cantou n'essa manhã.

A Piedade, a mais pequenina das filhas do Gervasio, veio brincar para o jardim. Olhava pasmada para todos que estavam chorando e dizia afflicta:

— Porque estão aquellas janellas abertas? Fechem as, que o papá está doente.

Não está, filha. Prouvera a Deus que estivessemos como elle.

JOÃO DA CAMARA.

No proximo numero:

ESTHETICA

POR

EUGÉNE VÉRON.



ENTREACTOS

MANUAL DO COSINHEIRO THEATRAL

Continuado de pag. 162

IV

ASSADO

RECEITA DO DRAMA MILITAR

O drama militar produz grande effeito sobre a maioria dos nossos compatriotas, especialmente sobre os que nunca foram militares. Alem d'isso provoca o mais delirante enthusiasmo nos pequenos habitantes dos bairros populosos, geralmente designados pelo epitheto de garotos. Estes, se um dia são chamados ao serviço, detestam cordealmente o uniforme, mas por um phenomeno extranho, que não procuro explicar, não se conteem de alegria quando vêem uma companhia de soldados em scena.

Este drama obtem-se tomando por heroe algum dos generaes que serviram no tempo da primeira Republica: Klêber, Hoche, Marceau, Desaix etc. Este general amará ou a filha d'um aristocrata ou a mulher d'um official do exercito inimigo. Andará constantemente em lucta entre o seu dever e o seu louco amor, o que constitue uma intriga muito curiosa e muito commovedora.

Junta-se a esta intriga uma lucta entre o nosso general e um membro da Convenção, que terá vindo ao campo de batalha com a missão de o vigiar. Este Conventional quererá fazer guilhotinar toda a gente — o que de resto, constituia a especialidade d'estes altos funcionarios —: o general, que será bondoso, oppor-se-ha sempre chamando-lhe «matador de creanças, carrasco de mulheres». Dir-lhe-ha que *a Historia, que ha-de julgal-os, saberá conhecer qual dos dois terá contribuido mais para a salvação da Republica.*

Naturalmente o Conventional levará a sua ávante e o general no momento em que vae encetar uma batalha, será informado de que foi declarado traidor á Republica.

Colloque-se um grande *duo* d'amor entre o general e a mulher que elle ama. Esta ultima confessa-lhe que sempre o amou, que nunca deixou d'amal-o, e que jurou não pertencer a outro que não seja elle. O general agradece-lhe esta excellente resolução, mas recusando, porque, dirá elle «sente que tudo está acabado e que vae morrer.» Entretanto, irá formando bellos projectos para o futuro...

N'este momento, tiros de espingarda, salvas de artilheria; é o inimigo que chega. Poucos segundos depois o exercito francez ganhou a batalha e entra victorioso, mas o general é conduzido n'uma maca, em estado desesperado: a sua amada morrerá de desgosto tambem, emquanto que do meio dos actores, de chapu na mão, um ajudante de campo do morto (ex-ajudante, desde que o

nosso heroe deixou de existir) avançará até á caixa do ponto para dizer com a voz molhada de lagrimas :

— «A França acaba de perder o seu maior cidadão!»

N'este drama, como nos precedentes, pôde-se metter os dois personagens que atraz citei: o *Arenque* e o *Per-na fina*. Um será sargento, o outro simples soldado. Sómente é preciso mudar um pouco o genero dos seus gracejos. O seu estribilho favorito será : «Ora! na guerra como na guerra!» De tempos a tempos o simples soldado perguntará : «Vamos a elles, meu sargento?» E o sargento responderá : «Vamos, meu rapaz! a esfrega ha de ser valente!»

Em ambos elles, cada um no seu genero, acharemos a personificação da heroicidade.

Para que esta receita fique completa, é preciso juntar-lhe um espião, um traidor que descobrirá os planos dos francezes, mas que, agarrado no momento em que vae levar-os ao inimigo será deitado á agua pela população aos gritos de morra! morra! Os gritos teem uma importancia consideravel nos dramas militares. Podem prodigalizar-se os seguintes : — «Viva o general!» — «Não, meus filhos, viva a França!» — «Ah! marotos!» — «Sentido!» — «A's armas!» — «O nosso regimento, recuar!... nunca!» — A elles rapazes, a victoria é nossa!»

E' bom ter em vista emfim que os tambores, as cornetas, as caixas de rufo e os clarins — todas as musicas militares em summa — substituem com grande vantagem o dialogo e que a *Marselheza* collocada em occasião oportuna levanta a platéa e faz soltar muitos mais bravos que o estylo mais brilhante.

Continúa.

SÉSOSTHÈNE RABICHON.



REVISTA DOS THEATROS

THEATRO DO GYMNASIO

16 de Maio

MADAME MONGODIN¹

Comedia em 3 actos de Ernest Blum e Raoul Tochié,
traducção de Gervasio Lobato

Historia da faca : a sr.^a Mongodin, era nova, bonita (diz ella) e emprehendia, sósinha, uma pequena viagem de negocio. N'uma das estações entra um homem que, seduzido pelos encantos

¹ DISTRIBUIÇÃO : *Eustaquio Mongodin* : Marcellino Franco.— *Roberto* : Carlos Santos.— *Berneret* : Ignacio.— *Francisco* : Sarmiento.— *Sabino* : Baptista.— *O Prefeito* : Senna.— *O general* : Silva Porto.— *O juiz da irmandade* : Damião.— *Dorothea Mongodin* : Jesuina Marques.— *Luciana* : Josepha.— *Clorinda* : Juliana.— *A sr.^a Chamberloche* : Adelia Soller.— *Um menino* : N. N.— A acção passa-se em Alençon, na actualidade.

da companheira de viagem, se lhe dirige, offerecendo-lhe primeiro boas palavras e depois fresca limonada em um dos buffetes do caminho. Tudo recusa a virtuosa senhora. Chegada ao seu destino porém segue-a o apaixonado seductor e, descoberto o paradeiro da esquiva dama, e vendo-a á janella a descascar uma laranja com uma faca, trepa á varanda e tenta contra aquella inexpugnável virtude. A sr.^a Mongodin alçando a faca enterra-a no coração usado e mata o atrevido que assim quizera beliscar-lhe a honra de matrona impecável de que tanto se ufana.

E' assim que ella conta a historia. A faca está no logar d'honra da sala, devidamente encaixilhada e todos da familia ao passar-lhe em frente teem por dever fazer-lhe reverencias e grande mesuras.

Tudo isto porém se vem a saber que é falso, ou antes não succedido como ella conta. O assalto amoroso deu-se, mas a praça rendeu. Se o primeiro beijo foi trocado com extranhesa, o terceiro foi reclamado pela propria sr.^a Mongodin e esta descoberta obriga-a a perdoar ao marido uns amores que elle tem com uma *cocotte* e que fazem toda a acção da peça que não prima pela graça nem pelo interesse.

O desempenho foi muito fraco. A peça pouco viveu — duas noites cremos — e n'elle não vale a pena insistir. Justiça é porém notar que Marcellino Franco encontrou no papel de Mongodin um dos que melhor lhe têm assentado e que mais tem feito sobressahir. Achamos ultimamente grandes progressos n'este actor principalmente depois que as suas responsabilidades no repertorio do theatro augmentaram. Permittir-nos-hemos analysar, em peça de maior folego, este facto que muito honra o mesmo actor.

29 de Maio

A FESTA DA INAUGURAÇÃO¹

Comedia em 3 actos de Moser, traducção do sr. J. de F. Branco

Não se tendo representado esta peça ainda mais do que uma vez, e teimando os srs. empresarios, apesar da escassa concorrência aos theatros, em darem na mesma noite as suas primeiras representações, não podémos assistir a esta recita.

¹ DISTRIBUIÇÃO : — *Conselheiro Carlos Bolzau* : Cardoso.— *Jorge Muller* : Eloy.— *Dr. Scheffer*, advogado : C. Santos.— *Schnake*, creado da sociedade musical a *Liga dos Cantores* : Ignacio.— *Sebastião Brimborio* : Ferreira.— *Adolpho Steine* : Baptista.— *Francisco*, creado do conselheiro : S. Carvalho.— *Um creado do 1.^o* : Scheffer : Jorge.— *Guilhermina*, mulher de Bolzau : Barbara.— *Bertha*, mulher de Scheffer : Beatriz.— *Ludmillia*, sobrinha de Guilhermina : Juliana.— A acção passa-se na Allemanha, o 1.^o acto em casa do *Dr. Scheffer* e o 2.^o e o 3.^o na villa, em casa do *Conselheiro Bolzau* = Actualidade.

A proposito da teimosia dos srs. emprezarios a que acima nos referimos desenterraremos para um dos proximos numeros um curioso artigo de Theophile Gauthier, já que as nossas palavras não são ouvidas.

Sobre a peça talvez o nosso parecer se possa exprimir bem dizendo que por duas vezes o nosso agente em Italia nol-a enviou para ser applicada em algum theatro de Lisboa e que por duas vezes nós lh'a recambiámos dizendo-lhe que, em nossa opinião, ella não era interessante nem adaptavel ao theatro portuguez. E' muito infantil e muito allemã.

THEATRO DA TRINDADE

29 de Maio

CHAMPIGNOL Á FORÇA¹

Vaudeville em 3 actos de Georges Feydeau e Maurice Desvallières, tradução do sr. C. de Moura Cabral.

Os meus leitores não esperam decerto, e fazem muito bem, que eu lhes vá contar tim tim por tim tim as aventuras d'este *Champignol* que é primo co-irmão da celebre *Clarinha* tão nossa conhecida e que, em tempos, fez os seus 28 dias no Trindade. Ambas, *Clarinha* e *Champignol*, podiam ser tambem as primeiras figuras do *Casamento de um reservista*.

E' sempre o mesmo assumpto e esse assumpto é a satyra levada ao ridiculo do serviço militar que obriga todo o cidadão a sair da sua classe social para durante 28 dias no regimento relembrar as manobras do campo e os serviços da caserna. Principes e contractadores, banqueiros e saltimbancos todos teem, cabeça baixa, de fazer á patria este sacrificio. Nos paizes onde o militarismo impera como na Allemanha, como na França, a allusão é saltitante e o exito é seguro. Apesar de tudo imitarmos lá de fóra, longe estamos ainda de reproduzir mais essa innovação cujos inconvenientes parecem ser manifestos; por isso a peça está deslocada entre nós.

¹ DISTRIBUIÇÃO: = *Saint-Florimond*: Valle.— *Champignol*, pintor: Silva Pereira.— *Camaret*, capitão do 175: Queiroz.— *Chamel*: Gil. *Celestin*: Azevedo.— *Singleton*: Pedro Cabral.— *Fourrageot*: Nobre.— *Ledoux*, tenente ajudante: Sequeira.— *Grosbond*, cabo: Gomes.— *Badin*, contractador: Ricardo.— *Lafauchette*, banqueiro: Bragança.— *Lavalanche*: Leal.— *Belouette*, sargento: Judice.— *Príncipe de Valence*: Santos.— *Bloquet*: Pereira.— *Rouche*: Moreira.— *Pinçon*: Medeiros.— *Dubois*: Castro.— *Planchet*: Ferreira.— *Benoit*: Mattos.— *Cabellereiro*: Godinho.— *Angela*, mulher de *Champignol*: Lucinda do Carmo.— *Carlota*, creada: Carmen Cardoso.— *Mauricette*, mulher de *Singleton*: Rosa Paes.— *Adriana*, filha de *Camaret*: Maria Costa.— *Jeronymo*, creado de *M.^{me} Rivalet*: Leal.— *José*, creado de *Champignol*: Gomes.— O primeiro acto passa-se em Paris no «atelier» de *Champignol*; o segundo em Clermont no quartel do regimento 175 de infantaria; o terceiro em casa de *M.^{me} Rivalet*, nos arredores de Clermont.

Deslocada como está, o desempenho não pode ser bom e culpas não tomemos senão aos que teimam em transplantar peças locais, d'um meio restricto e de um gosto que não é muito da nossa platéa.

Depois é extraordinario o respeito com que se representam entre nós as peças que veem lá de fóra com famas de grande exito. Quasi se rezam em vez de se representarem. Agarram-se ás photographias e, querendo dar vida a tudo que n'ellas vêem, fazem-n'o contrafeita e desairosamente sem se lembrarem de que essas photographias são tiradas lá para a vigessima ou trigessima representação quando os actores, já á vontade, teem tirado dos papeis todo o partido que podem.

Se não fosse beneficio do Valle e se os jornaes não houvessem apregoado tanto que a peça tivera em Paris 400 representações — que as teve — desconfiamos muito de que a frieza do publico não se manifestasse mais accentuadamente.

PETRONIUS.



RECITAS E CONCERTOS

LISBOA MUSICAL NO MEZ FINDO

Excepcionalmente o mez de maio, este anno, foi abundantissimo de audições musicaes constituindo espectaculos publicos.

Afóra musica de opera, houve-a n'essas audições para todos os paladares. Segundo os programmas affirmavam, tivemos no estylo sacro a Missa do sr. Adolpho Sauvinet, executada por amadores e artistas, sob a regencia do sr. Antonio Duarte, no theatro D. Amelia, na mesma noute em que se cantou, na mesma sala e pelos mesmos executantes, a *Gallia*, cantata de Charles Gounod. Realizou-se no Salão da Trindade um concerto, promovido pelo sr. Oscar da Silva, e em que tambem entraram o barytono amador, sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, o sr. Chaby Pinheiro, que disse varios monologos e o sr. Carmo Dias, guitarrista amador.

Verificou-se tambem no mesmo salão um concerto de despedida do sr. José Vianna da Motta, com o concurso obsequioso do violinista portuense sr. Bernardo Moreira de Sá. Em S. Carlos, no salão d'entrada, realisaram-se as sessões musicaes (7.^a série) de musica de camara pelos srs. Rey Colaço, Victor Hussla, Alfredo Gazul e Cunha e Silva, com o concurso amavel do violinista amador, sr. Augusto Gerschey, e por fim effectuou-se no Salão da Trindade um concerto dado pelo sr. Hussla, em que elle, pela primeira vez, apresentou algumas composições suas, recentemente escriptas.

Não sei se ainda me esqueceu alguma cousa. Se assim aconteceu, o leitor bondoso que m'ò releve, como espero tambem fará por me não ir occupar de todos os concertos mencionados. Reside o motivo da minha falta em que intitulado-se este periodico «Revista Theatral», e não constando de musica scenica nenhuma das audições a que alludi, seria falsear a indole do jornal, e até pouco airoso da minha parte, apropriar-me das columnas necessarias para apreciar com minucia todas essas funcções lyricas, quando algumas d'essas columnas seriam precisas para assumptos d'exclusivo interesse theatral.

Forçado pois, para não ser excessivamente summario, a reduzir a metade o espaço imprescindivel para de tudo tratar, vou extremar do movimento musical do mez ultimo o que n'elle se apresentou com mais ampla significação artistica, e que foi, quanto a mim, o concerto de Vianna da Motta, a série de sessões de musica de camara e o concerto de Victor Hussla.

*

Seguindo a ordem chronologica teria que principiar pelas sessões de musica de camara; d'ahi proviria, porém, ter de interrompel-as para me referir ao concerto de despedida de José Vianna da Motta, annunciado para 12 do passado e transferido para a noute seguinte. Liquido pois a dificuldade pondo a chronologia de parte e começando pela reaparição do nosso illustre concertista, effectuada, como disse, a 13. Treze, numero fatidico!...

Nombre fatal! présage épouvantable!
La mort accourt, je frissonne éperdu.

Por certo que houve muito amator de musica que n'essa noute não conseguiu banir do espirito estes dois versos da canção de Béranger. Tal era a obstinação de que succederia desgraça que muita gente resolveu ficar em casa, fazendo o piano gemer a *Polka dos Sellos* ou qualquer dos *Pas de quatre*, pois não creio que possua capacidade para peças de mais folego quem no fim do mais positivo dos seculos ainda tem a fraqueza das crendices, e assim deixou de assistir a um concerto que em tudo foi brilhante, menos no resultado lucrativo. E tanto mais devo attribuir a escassa concorrência ao tal prejuizo e não a uma questão d'economia, quanto é certo que nos concertos anteriores, excepto o de musica de camara, houve affluencia d'espectadores. Ponto, porém, no assumpto, que passado ao laminador da reflexão ainda offereceria ensejo para duras e abundantes considerações, e vamos á primeira peça que Vianna da Motta executou. Foi ella o 2.º *Concerto* de Liszt, com acompanhamento d'orchestra, que é de facto uma obra de valor inquestionavel, onde a cada

passo se reconhece o dedo do mestre que a compoz. Mestre, disse e redigo, mas um mestre a quem o horror á vulgaridade arrasta por vezes á extravagancia e á originalidade a todo o transe. Este concerto, em *lá*, interessa pela variedade e o inesperado dos efeitos; deslumbra pelo colorido e riqueza da orquestração; impressiona pelo character febril, pelo nervosismo da musica; mas não nos prende muito á attenção. E pela ausencia de desenvolvimentos thematicos parece mais fructo d'um trabalho improvisado do que d'um plano maduramente concebido.

Quanto á interpretação que Vianna da Motta lhe deu, basta dizer que a peça era de Liszt— e está dito tudo.

Já quando o nosso notavel pianista aqui se fez ouvir, depois de completados os seus estudos, em 1893, lhe apreciei detalhadamente n'um jornal musical (1) o mecanismo extraordinariamente solido e as preciosas qualidades de musico e de concertista; n'essa occasião consignei a sua decidida disposição para interpretar musica de Liszt.

Agora corroborou elle a minha affirmação pela propriedade d'estylo e a fascinante virtuosidade com que se houve na execução da obra do grande pianista hungaro. Mas, comquanto seja a musica de Liszt a que, a meu vêr, mais faz vibrar a sua corda artistica, Vianna da Motta interpretando outros compositores não deixa por isso de ser sempre o pianista eximio, cuja execução provoca em quem o escuta as mais espontaneas manifestações d'admiração.

Na 2.ª parte do concerto deliciou-nos elle de novo fazendo-se ouvir em peças d'estylo diverso. Da antiga época classica tocou 3 peças de Scarlatti; da escola dos neo-romanticos, o *Nocturno em ré b.* e o *Scherzo em si menor* de Chopin e a 12.ª *Rhapsodia* de Liszt; e dos compositores hodiernos, um *Preludio* de Albeniz.

Sómente deplorei que Vianna da Motta não tivesse incluido no programma alguma das sonatas de Beethoven, em cuja interpretação elle é insigne, e em que, confesso com franqueza — um tanto rude, se quizerem, — desejaria antes escutal-o do que nas duas obras de Chopin. Este meu parecer não significa que Vianna da Motta se mostre menos correcto n'essa musica aristocratica, ou lhe observe menos escrupulosamente as multiplas subteis *nuances*. Póde ser este um caso que apenas se dê commigo e que a mais ninguem seja extensivo, mas a tão suggestiva musica de Chopin tocada por Vianna da Motta, agrada-me, captiva-me, mas não me commove, porque não encontro n'essa interpretação a communhão intima do pensamento do auctor com o do executante e a emoção communicativa que potentemente me impressiona

¹ *Amphion* de 1 de Maio de 1893.

quando ouço o illustre pianista interpretar as obras de Beethoven.

Vianna da Motta despediu-se de nós com a *Fantasia Russa* de Nápravnik, para piano com acompanhamento de orchestra, composição de proporções menos vastas do que o Concerto de Liszt, mas mais concisa na forma e mais facilmente comprehensivel, sem que por isso enferme de banalidade. A execução d'esta peça foi um primor de perfeição, e valeu a Vianna da Motta ser aclamado por todo o auditorio, que se levantou n'um impeto d'entusiasmo para lhe fazer uma ovação delirante.

Tratemos agora do sr. Moreira de Sá, um dos vultos mais proeminentes do mundo intellectual portuense, e por igual distincto quer sob o ponto de vista de homem de sciencia e linguista, quer considerado como musico. Fôra-me dito antes de annuciado o concerto que o sr. Moreira de Sá se faria aqui ouvir no *Concerto* para violino de Beethoven, o que nada me admirou, dada a sua vasta intelligencia, e a bem dirigida educação musical, quasi que devida aos seus proprios esforços e aperfeiçoada na Allemanha. Todavia, contra o que se espalhara, o sr. Moreira de Sá preferiu apresentar-se n'outra peça. Modesto em excesso como todo o artista convicto e de verdadeiro merito, o sr. Moreira de Sá, sciente de que Sarasate executara em Lisboa essa composição, resolveu escolher outra no seu repertorio e optou pelo 7.º *Concerto* de Bériot. Creio bem ter sido esta circumstancia, que determinou a substituição da primeira peça que o sr. Moreira de Sá devia aqui tocar. Admirame, no entanto, que na extensa litteratura do violino, o sr. Moreira de Sá não encontrasse qualquer outra composição mais no estylo hoje em voga do que o *Concerto* de Bériot, que fez as delicias dos amadores de musica na época em que o revezavam com as fantasias de Thalberg e as paraphrases de Prudent, genero de musica repleto de passagens brillhantes, mas puramente decorativo e que de ha muito *a fait son temps*. Francamente, creio que o distincto violinista se tornaria mais sympathico, não direi para o nosso publico em geral, mas para aquelle que é convictamente amator da arte de Bach e de Beethoven,—que o ha, embora não seja em abundancia,—se tivesse confiado mais na sua cultura esthetica e escolhido em logar do *Concerto* de Bériot qualquer dos de Spohr, o 8.º ou 9.º, por exemplo; e querendo interpretar musica de Beethoven, em que me consta ser proficiente, tinha então a *Romança em fá* trecho ideal, cuja suavidade e serenidade magestosa dão margem a que um violinista patenteie a pureza e amplitude d'estylo quando elle as possua. Emfim, deixemo-nos do que poderia ser e tratemos do que foi; refiro-me ao tal *Concerto*, na execução do qual o sr. Moreira de Sá affirmou ser um habil violinista, dispondo de preciosas qualidades entre as quaes sobresaem a rigorosa afinação

e uma solidez de mecanismo que lhe permite notavel firmeza d'execução. Ao concluir essa composição o distincto violinista foi alvo de signaes de agrado tão calorosos como espontaneos.

A ovação a Moreira de Sá foi legitima, e um dos primeiros a festejal o foi o auctor d'estas linhas, se bem que elle sentisse que o applauso seria ainda mais entusiastico se o illustre violinista tivesse dado ao *Concerto* de Bériot uma interpretação menos livre. Isto, sobretudo, com relação ao primeiro andamento, precisamente o melhor dos tres, que o sr. Moreira de Sá levou em movimento mais rapido do que o de allegro magestoso, e tambem quanto á parte intermedia do mesmo andamento, em cuja execução eu preferia encontrar em vez da expressão energica que o sr. Moreira de Sá lhe imprimiu, leveza e elegancia; esta principalmente que na opinião auctorizada de Albert Tottmann é a feição caracteristica da musica de Bériot.

Na terceira parte do concerto o illustre violinista portuense fez-se tambem ouvir em peças de David, Hubay e Léonard, sendo de novo bastante victoriado em todas ellas.

Duas das peças d'este concerto foram, como disse, com acompanhamento d'orchestra, de cuja regencia se encarregou o sr. Luiz Filgueiras. Este apreciado artista d'indiscutivel competencia technica, tanto na direcção do Concerto de Liszt como no de Bériot confirmou a sua vocação para regente d'orchestra. Tacto para acompanhar, certeza na indicação das entradas e a segurança de quem tem inteiro conhecimento do que faz, todas estas qualidades lhe notei e admirei especialmente no *Concerto* de Liszt, difficil em extremo de acompanhar e que pelo que ouvi dizer, teve apenas um ensaio.

E agora, para remate d'estas simples impressões, ainda algumas palavras ácerca dos nossos illustres compatriotas, que em breve seguem para o Brazil. São poucas, mas exprimem votos sinceros:

Bon voyage, bonne chance, e que se Vianna da Motta e Moreira de Sá se estrearem em dia 13 ou terça-feira, que os habitantes da nova republica sejam muito menos *supersticiosos* do que foram os da velha cidade da alface.

Conclue no proximo numero.

A. M.



EPHEMERIDES DO MEZ DE MAIO

- 1 — **Theatro de D. Maria II:** *Sergio Panine*, drama em 5 actos de Georges Ohnet, traduzido pelo sr. Lino d'Assumpção. Pag. 162.
- 2 — **Theatro D. Amelia:** Pela companhia italiana de declamação dirigida pelo actor Emmanuele: *O sr. director*, vaudeville em 3 actos de Bisson e Carré.

- 3 — No mesmo theatro *Rei Lear*, para despedida da companhia italiana.
- 10 — No mesmo theatro: Estreia da companhia italiana de operetta dirigida por Bonazzo e Milzi — *Os granadeiros*, operetta em 3 actos.
- 16 — Theatro do Gymnasio: *Madame Mongodin*, vau-deville em 3 actos de Blum e Toché, traduzido por Gervasio Lobato. Pag. 177.
- 29 — No mesmo theatro: *A festa de inauguração*, comedia allemã em 3 actos, de Moser, traduzida pelo sr. Freitas Branco. Beneficio do actor Eloy. Pag. 177.
- » — **Theatro da Trindade:** *Champignol a força*, comedia em 3 actos de Feydeau e Desvallières, traducção do sr. Moura Cabral. — Beneficio do actor Vallé. Pag. 178.



CORRESPONDENCIAS

DE MADRID — Mayo, 22.

Un teatro libre. — Echegaray y Novelli

Alcanzándosele al sr. Soriano, inteligente crónista de *El Imparcial*, la necesidad que existe de librar al teatro español de la nimiedad enfadosa y del efectismo romántico en que ha caído, propone, como remedio, la creación de un teatro libre, y si bien sigue en esto á los franceses, que fundaron en París otro semejante, el pensamiento me parece de perlas, que estamos faltos de ideas nuevas y de medios para expresarlas con independéncia.

No crean ustedes que el tal teatro será, admitiendo que cuaje el proposito, escuela de procacidad ó mortero donde queden, convertido en polvo, el pasado, la fé religiosa, el patriotismo y hasta el pensar filístico que se nos há entrado con las luces del siglo, y que há agrandado nuestra hypócrisia genuinamente frailuna. La experiencia de lo sucedido en el denominado *Teatro libre* de la capital francesa evitará que se admitan en el proyectado obras groseras de fondo y de forma, y ciertos delirios que no pueden ampararse á la utopía, concepción enunciada prematuramente, á causa de ser el alarde huero de pobres caletres que confunden sus dislates con las arrogancias filosóficas de estos tiempos de evolución tan honda como perturbadora.

De llevar al *Teatro libre* las manifestaciones poco ó nada artísticas de los revolucionarios estéticos que aquí usamos, los más están á la altura del petróleo literario, nada positivo ni duradero se obtendrá, y en flor habrá de morir la aspiración que tenemos de renovar una dramática atacada de anemia intelectual, y por ende, enemiga de copiar la realidad.

Si fueran consultados sobre el particular los escritores que detestan el nuevo espíritu, por no comprender la trascendencia ideal que encierran las modernas tendencias del arte, pues como decía Bossert de las mudanzas sociales: «para juzgarlas favorablemente se necesita, ó considerarlas á cierta distancia cuando han producido ya sus frutos, ó ser actor de ellas y participar de sus ilusio-

nes y esperanzas» de pedirles su opinión, invocarían el cristianismo como fundamento de toda literatura excelente y viable, y su poco de metafísica destinada á mejorarnos el alma. También sacarían á plaza la moral artística que á nadie corrige, y sólo pondrían su visto bueno á las obras que respondieran á este fin de suyo particular ó limitado.

La opinión más predominante acerca del establecimiento en Madrid de un teatro libre, será negativa, y es qué, la instrucción no aparece en éste cerebro atrofiado de un pueblo atrasadísimo, ni al público le interesan tal género de cuestiones, de un orden capital, que la cultura estética puede señalar, segun Montegut, dirección moral á la burguesía del siglo XIX, siendo aún necesario el arte docente, como hizo Goethe en su *Wilhelm Meister*; no los idealismos abstractos á que es tan aficionada la juventud literaria.

El *Teatro libre* habrá de ser piedra de toque en la que demuestre la gente moza su ingenio, más de no aspirar á lo nuevo, caeran en el provincialismo, la rutina y la rudeza, y de nada nos servirá el tener un escenario abierto á todas las espresiones ó formas dramáticas que triunfan en otros pueblos desterrando el elemento puramente pasional.

No solamente deben admitirse en el *Teatro libre* las producciones que guarden relación con los ideales contemporáneos, si que también las clásicas de mérito reconocido, refundiéndolas con talento y sin despojarlas de su carácter, hijo de otras sociedades desaparecidas de la vida.

Habiendo perdido el teatro español su importancia y su característica, cuerdamente se conducirán los que abastezcan de producciones dramáticas al *Teatro libre in partibus*, siguiendo los procedimientos que se apoderan de la escena en Europa, y que anuncian la ruina de los empleados en la actualidad. La deferencia á un modelo más perfecto que el propio, y el reconocimiento de un ideal superior, tiene por causa la sensibilidad de la inteligencia. Quienes tienen la inteligencia más viva y sensible guardan sin violencia tan respetuosa como merecida deferencia; los que la tienen menos delicada y sutil no toleran ninguna clase de superioridad.

No olviden los patrocinadores del teatro libre, que es prematuro en España el intento literario que rebase la esfera imaginativa.

En la antigüedad, la claridad de imaginación y la movilidad del juicio, fueron cualidades del pueblo ateniense, y en los tiempos modernos distinguen á los franceses. Los españoles, en cambio, nos apasionamos de lo pésimo, la dirección de la política así lo evidencia, y no es común que honren y obedezcan lo bueno. Tenemos ingenio, por eso hemos tenido poetas eminentes, y carecemos de energía, el principal factor del genio, que unida á la potencia inventiva, trae la ciencia, la emancipación de la rutina.

*

Evolucionista en literatura como en la ciencia, reconoce Echegaray que el naturalismo, «el dolor estético», es digno de mover á admiración, y llega á concederle que con la corriente del tiempo perderá sus imperfecciones, emanadas de su franqueza brutal, para contener una for-

ma amplía y bella como corresponde á las verdaderas manifestaciones del arte. Reconoce la evolución literaria, pero no la practica. Su genero de talento le hace inclinarse al «horror poético», y no intenta sustraerse á este que es un mandato del espíritu sobre su inteligencia enamorada de la galanusa de la metrica más ó menos musical. El lirismo es inherente á las razas individualistas cual la española, y quién lo cultiva, alaga las pasiones del pueblo y casi asegura la inmortalidad de su nombre.

El drama *Amor salvaje*, correctamente traducido al italiano por Novelli, es la prolongación de aquel su románticismo que, establecido en teorías generales, los hombres y las mujeres se mueven á impulsos de una filosofía declamatoria y original que los hace desaparecer la vida en fuerza de particularizarla. Espresan la síntesis del amor ó del odio como el creador de *Locura ó santidad* la definiera en abstracciones un tanto metafísicas, y rara vez generalizan los instintos que ofrecen las complicadas curvas de la realidad social, por no consentir la ley escrita que obremos según nos acomoda. En otras edades, el hombre podía entregarse á la indicación imperativa de sus pasiones, que en teniendo duro el brazo, corazón sereno y audacia nadie se le oponía en sus planes. Al presente han mudado las cosas. La educación y el adelanto jurídico no consenten que nos entreguemos á la colera; los violentos é irascibles se consumen en la impotencia, y el que asesina á su prójimo, pierde la libertad y el dinero. La civilización *plancha* las pasiones, y una pasión con almidón es destructora en grado infimo, poco menos de nada.

Gastados están los tales procedimientos dramáticos, y desacreditados andan entre los que escriben de estética teatral, pero en manos de Echegaray salen remozados y tan sugestivos que los celebramos, si bien quedan desechados apenas el juicio viene en conocimiento del artificio que entrañan.

Es indudable que en la realidad palpita el románticismo, lo anormal y extraordinario, más los seres tangibles tienen conciencia de sus actos, gozan, sufren, inconscientemente toman parte en la lucha moral que la colectividad empeña á fin de asegurarse la protección todavía ineficaz del derecho, y en las obras de Echegaray son unos egoistas que accionan gracias á la teoría, á lo imaginativo.

A su palacio de fuego ha vuelto Echegaray en *Un amore selvaggio*, á su bello románticismo, pero la fortuna y el acierto le han abandonado, que dada la falta de interés y la inverosimilitud del asunto y de los caracteres mal podía emocionar al público.

Pedro de Vargas, hombre de genio aspero y de corazón noble, siente una pasión en la que laten todas las energías de su alma, por la hija de un marqués, el cual le es deudor de la vida. Alcanza la mano de la que es su pensamiento único, y por vivir ella en America, celebran su matrimonio valiéndose de poder.

Manda Vargas su retrato á su esposa, deseoso de que le conozca, y Gastón, un calavera elegante, halla medio de cambiarlo por el suyo, queriendo jugarle una mala pasada. La joven desposada se aficiona al citado Gastón, y al saber el enredo, lucha entre el amor criminal y el deber conyugal, venciendo Vargas á la postre, que desafia y mata á su rival.

Novelli expresó con la voz, el gesto y los ademanes admirablemente las rudezas del caracter de Vargas y la nobleza de los sentimientos que singularizan á tan estrafalario personaje, pero su labor fué estéril, y es que el drama de Echegaray no reúne condiciones escénicas. Otra vez será, como apuntó un jitano á su compadre que se le quejaba de haberle engañado un baturro al venderle un caballo, pues él se lo dió por bueno, y el otro le metió moneda falsa.

E. ALONSO ORERA.

DE PARIS, 19 de maio.

Poucas novidades. — Os theatros de representações extraordinarias e *troupes* d'ocasião. — *Nuit d'amour*. — O theatro d'audições. — Mademoiselle Maguera. — Porque o *Frei Luiz de Sousa* ainda não foi representado em Paris. — O Theatro *Salon*. — Uma nova comedia de Courteline. — A pantomima de Catulle Mendès. — Uma notabilidade de Marselha em Paris. — Nos *music halls* parisienses. — Eleonora Duse. — Na *Bodinière*.

Esta semana só tivemos representações nos chamados *theatres à coté*: recitas em *cercles*, o theatro das audições de M.^{elle} Maguera, a abertura da elegante *bombonnière* da rua Chaptal, e uma ou outra *reprise* sem importancia. Foi uma semana tão esteril que até a reaparição de M.^{elle} Marsy na comedia Franceza foi acontecimento digno de nota na chronica dos bastidores.

Fomos ouvir a *Nuit d'amour* ao *Bouffes Parisiens* — um pobre theatro que anda de mal para peor, com um fraco repertorio, quasi tão inferior como a companhia onde ha apenas algumas mulheres bonitas, o que é excellente n'um café concerto, mas de menos valor n'um theatro que pretenda fazer arte. É uma phantasia lyrica e não uma operetta. Tem alguns numeros de musica regulares. Mas francamente... *rien d'épatant*.

Mademoiselle Maguera, a intelligente filha da condessa de Claptier, convidou-nos ha dias para a primeira representação do seu theatro d'audições, no elegante theatro Mundano da *Cité d'Antin*. A representação constou do *Au Tour* de Stéphane Bordèse, peça de pouco valor e um drama *Honneur de Fils*, de Valmonca, tambem pouco curioso trabalho, mas com largas pretensões. Não cremos que as representações da *troupe* de M.^{elle} Maguera continuem, porque o successo foi mediocre.

Esta dama estivera nos fins do anno passado com a intenção quasi bem assente de fundar um theatro internacional que começaria pela representação do *Frei Luiz de Souza*, de Garrett, por um «Auto» de Gil Vicente e uma peça do moderno repertorio portuguez. Porque é que este tão bello plano não foi por diante? Razões varias entre as quaes a traducção da peça de Garrett. Um author mais conhecido pelas suas obras d'erudição do que pelos seus trabalhos de pura litteratura tinha traduzido o *Frei Luiz de Souza* com o titulo *Cœurs heroiques* e em verso livre, modificando scenas inteiras e transformando

mesmo alguns dos caracteres dos personagens. Lêmos a peça a pedido de M.^{me} Maguera e declarámo-la inaceitavel. Era tudo menos Garrett. Mas o traductor do nosso grande romantico queria por todos os modos que os seus *Cœurs heroiques* fossem representados e tanto teimou que a directora do *Theatro Internacional*... em projecto, desistiu da sua tão curiosa como sympathica tentativa.

Crêmos que depois dos factos que resumidamente relatamos, omittindo pormenores que não interessam o grosso do publico, dois escriptores francezes que se interessam profundamente pelas cousas e pelas artes da nossa terra,—princiaram a traducção do celebre drama de Garrett. Não estamos auctorizados a dizer por emquanto os nomes dos novos traductores do *Frei Luiz de Souza*.

*

O *atelier* do divino Rochegrosse foi transformado ultimamente n'um theatrinho elegante, um verdadeiro *bijou* artistico que é um encanto para os olhos dos peccadores e peccadoras de Montmartre que sobretudo o frequentam. Porque o *Théâtre Salon* fica situado a poucos passos da *butte* gloriosa, na rua Chaptal, no coração da colonia artistica e *demi-mondaine* por excellencia.

Não assistimos ás primeiras representações onde só podiam penetrar os iniciados, mas a noite que ali passámos foi-nos muito agradável. A comedia de Verlaine adoravel no volume é massadora na scena. Do que francamente gostámos foi da *pochade* de Courteline de que os senhores ahi viram o *Boubouroche*, representada pela companhia dramatica de Marselha no theatro D. Amelia. O novo trabalho d'este phantasista inimitavel chama-se *Droit aux étrennes*. Courteline tem todas as qualidades requeridas para um bom escriptor dramatico, possuindo como poucos o sexto sentido comico para variar as situações. E o proprio critico Sarcey que como todos sabem gosta muito pouco d'acclamar os novos, dizia ha pouco no seu folhetim do *Temps* que Courteline tem qualidades de primeira ordem para o theatro.

O espectáculo terminou com uma pantomima de Catulle Mendes, *Chand d'habits*, as aventuras tragicas de Pierrot feito assassino por amor. O publico applaudiu muito o trabalho mimico de Sèverin, uma notabilidade de Marselha e em breve uma gloria do *boulevard*.

NOTAS VARIAS

— Amanhã no «Nouveau Theatre» a primeira representação do drama n'um acto do nosso dramaturgo Ennes, *Le Divorce*, traduzido por madame Rattazi de Rutte. A distribuição é a seguinte: *Mr. d'Arbois*: Vayre; *Henri*: Dessonnes; *Emilie*: Madame Reynold; *Louise*: Madame Suzanne Auclair.

Na mesma noite tambem se deve representar o *Grand Galeoto* de José Echegaray, traducção de Madame Rattazi.

— Princiaram os espectáculos da Torre Eiffel com a phantasia em dois actos *Bête comme impôt*.

— E' o actor Duquesne que vai substituir d'ora em diante Coquelin no *Thermidor*, no Porte Saint Martin.

— Grande successo no Bodinière: o *Paris Bibelots*, com Mademoiselle Deval.

— A *Araignée d'Or* nas Folies Bergères, com Liane

de Pougy continua a affirmar-se como um dos maiores successos d'aquelle *music-hall*.

— Um novo theatro: «A la Rampe,» na rua Condorcet n.º 10 Representa-se ali todas as noites: *Où peut-on être mieu*? almoço em familia, n'um acto, e *Une succursale*, vaudeville em tres actos, de Rouget e Carin.

— E' esperada por estes dias em Paris a grande Eleonora Duse que vem dar aqui uma serie de representações.

— Abriu o Jardin de Paris, com as cascatas do Niagara, *rende7-vous* de toda a *haute noce* internacional.

— Em breve no Bodinière, a representação da opera lyrica do maestro italiano Leoncavallo: *I Pagliacci*.

XAVIER DE CARVALHO.

DO PORTO—Maio, 28.

A companhia do theatro de D. Maria II e a concorrencia aos seus espectáculos.—As ultimas recitas de Emmanuele.—A morte d'um escriptor dramatico.

E' de tres em tres annos que a companhia do theatro de D. Maria nos tem visitado. Finalmente chegou aos portuenses a occasião de poder admirar mais uma vez esse punhado de apreciaveis artistas, que honram sobremodo o nosso pequeno meio theatral.

Já tivemos ensejo de ler o repertorio d'esta companhia, que, sem favor, julgamos deveras attrahente. Notámos que pelo menos a mór parte das peças ainda não foram vistas n'esta cidade, e ellas, de per si, constituem optimos reclamos.

A *Dór suprema*, do sr. Marcellino Mesquita, foi já uma das peças escolhidas, que deu aso ás maiores criticas.

—Ha dias fomos ver o drama *Sergio Pamine*, extracto do romance do mesmo titulo, de Georges Ohnet.

N'essa noite a concorrencia era relativamente pequena, motivado talvez por um concerto promovido pelo Orpheon Portuense.

Francamente não gostámos do drama e notámos a pouca attenção que o traductor, o sr. Lino d'Assumpção, dispensou a esta obra.

Isto concorreu para uma certa frieza, e mesmo indifferença, com que os espectadores assistiram ao desenrolar do drama.

Falaremos rapidamente da sua interpretação.

A' eminente actriz Anna Pereira coube o papel de *M.^{me} Desvaremmes*, ao qual deu todo o colorido.

Esta actriz ostentou n'um dos actos uma *toilette* de baile, que fez a admiração do publico.

João e Augusto Rosa, estes dois intelligentes artistas houveram-se, como sempre, com a sua costumada distincção, imprimindo um valor superior aos seus papeis.

Augusta Cordeiro, Laura Cruz e Augusto Mello fizeram o que poderam.

No emtanto a peça desagradou em geral e cahiu logo á primeira representação.

— Os espectáculos do D. Maria tem sido pouco concorridos, compadadamente aos dos annos anteriores; d'esta vez a empreza não leva para essa capital a metade dos lucros que costumava tirar das outras vezes.

Decididamente n'esta epocha o Porto não tem sido favoravel ás empresas theatraes.

— Muito de proposito reservamos para o fim umas ligeiras referencias a uns novatos, de que as companhias de Lisboa teem feito aquisição; já o notámos na *troupe* de Lucinda Simões e agora na companhia do D. Maria.

Diremos, a nosso vêr, ainda que com pezar, que de parte d'estes talvez só Luiz Pinto se aproveitará. Os demais peccam primeiramente pela *toilette*, o que admira, visto que os seus mestres são um requinte de elegancia. Em segundo logar peccam ainda porque são destituídos de vocação artistica.

Emfim, com um aturado estudo e uma grande vontade, poder-se-ha aproveitar mais alguns, dos trinta que cita o sr. Joaquim Miranda, no ultimo numero d'esta *Revista*, no seu interessante e curioso artigo — «Os novos».

*

Terça feira, 19 do corrente, o grande tragico Emmanuele interpretou no theatro do Principe Real o conhecido drama *Othello*.

A brilhante pagina de Shakespeare produziu um successo extraordinario.

— Para despedida do grande tragico Emmanuele representou-se *O mercador de Veneza*, em que o notavel artista tem uma das suas muitas creações.

O eminente artista foi chamado repetidas vezes e aclamado ruidosamente como merecia.

O distincto actor Rossi e a formosa artista Montagna compartilharam dos applausos.

No Porto o grande tragico deixa sinceras sympathias e profunda admiração pelo seu fulgurante talento.

Lastimamos apenas que os seus ultimos espectaculos fossem tão pouco concorridos!

É bem triste!...

*

Fecho esta correspondencia com a tristissima noticia da morte do nosso saudoso e bom amigo Augusto de Mesquita. Este malogrado rapaz era um poeta primoroso e um prosador scintilante.

Deixa impressas as seguintes producções theatraes: os dramas em verso *D. Sebastião*, *Egas Vicente*, *D. Affonso VI* e as operetas *Os bandidos*, *Sua eminencia*, e collaborou tambem na opereta *Sonho d'um bacharel*, que o curso do quinto anno juridico levou este anno em recita de despedida, com grande successo.

Era um fanatico pelo theatro lyrico e por muitas vezes o ouvimos tocar ao piano e recitar trechos das melhores operas classicas.

Deixa valiosas criticas theatraes, escriptas em diferentes periodicos do Norte, e foi por muito tempo director do *Correio do Porto*. Os seus pseudonymos eram conhecidos por *Fra Diavolo* e *Stefelio*.

Augusto de Mesquita era um bello talento e um bello espirito.

Pobre amigo!

JOÃO PIMENTEL.



«VADE-MECUM» DO ACTOR

MAXIMAS E CONSELHOS PARA MEDITAÇÃO QUOTIDIANA

—
XLI

Não entrem para o theatro sem para elle terem recebido da natureza todos os dotes que elle exige, ou pelo menos sem os recursos e a energia de vontade precisas para achar, á força d'arte e d'estudo, o equivalente d'aquillo que a natureza lhes houver recusado.

CLAIRON.

XLII

A arte não pode aperfeiçoar senão creaturas já preparadas pelas mãos da natureza e por esta providas de belleza de corpo e de qualidades d'espirito.

STICOTTI.

XLIII

Um actor, no theatro, torna-se grande mais pelos feitos que corrige do que pelas qualidades que adquire.

FLEURY.

XLIV

Não se deve movimentar muito a physionomia, transfigurando-a sem descanso, porque se corre o perigo de cahir no ridiculo ou em difformidade.

CICERO.



INVESTIGAÇÕES

OS PRIMEIROS JORNAES DE THEATRO DE LISBOA

—
V

Continuado da pag. 88

Em 1838 e 1839 sahiram o *Semsabor*, que bem justificou o nome que havia adoptado, e o *Elenco* que foi redigido por Silva Leal, escriptor muito dado a assumptos theatraes, como já tivemos occasião de dizer.

O *Elenco* era folha quinzenal e no seu 1.º numero, sahido em 15 de maio de 1839, prometteu que daria aos seus leitores minuciosas noticias sobre os nossos theatros acompanhando-as

do juizo critico ácerca das producções dramaticas representadas. O *Elenco* teve porem a duração das rosas do formoso mez em que elle nascera, não passando alem. *Parce sepultis!*

O *Espelho do Palco* que lhe succedeu, e foi redigido pelo mesmo Silva Leal, não teve melhor sorte, pois que só publicou 13 numeros, contados de 1 de setembro a 24 de novembro de 1842.

Pouco tempo depois sahiu o *Espectador*, cuja existencia tambem foi ephemera, dando logar a outro do mesmo titulo fundado em 1844 por Thomaz Oom e que sahiu sob bons auspicios porque foi collaborado por Mendes Leal, Rebello da Silva e outros litteratos, então em grande evidencia.

Ainda em 1848-1849 se publicou um *Espectador* que se declarou *jornal de theatros e das phylarmonicas*, e que durou seis mezes, dando o seu 1.º numero em 1 de outubro de 1848 e o ultimo em 18 de março de 1849, tentando ainda reviver em setembro do anno seguinte, mas inutilmente.

Na epoca de 1839-1843 nem menos de seis jornaes vieram a lume com o titulo de *Revista Theatral*, e um com o nome de *Revista dos Theatros*. Este viveu de 21 de setembro a 26 de novembro de 1843.

A primeira *Revista Theatral* appareceu em 3 de fevereiro de 1839, tendo já anteriormente, em 28 de janeiro, publicado o seu programma no *Lusitano*.

Parece porem que esta revista não progrediu porque em agosto de 1840 appareceu a segunda do mesmo nome, redigida por Antonio Faria Chaves, que é a mesma a que me referi quando me reportei á questão de S. Carlos entre barilistas e boccabadistas.

Em 1843 appareceu a terceira do nome, que tomou por divisa, ou lemma, a phrase de M.^{me} de Stäel—*«Le théâtre c'est la litterature en action»*.

Foi este jornal redigido por José da Silva Mendes Leal Junior, e começando em 21 de setembro veiu a findar em 26 de novembro com o n.º 9.

Foi boa folha de theatros, mas andando constantemente em polemica com outra sua congénere — o *Raio Theatral*, esta lhe levou a palma.

No mesmo anno appareceu ainda quarta *Revista Theatral* começada em 28 de janeiro de 1844.

Pertenceu essa folha a Antonio Pedro Ferrea Aragão que, depois, em 1847, fundou outro jornal com igual titulo.

N'esse anno o jornalista Mariano José Cabral fundou uma *Revista Theatral*, que, começada em 27 de fevereiro, veiu a finalisar em 14 de maio, ao publicar o n.º 12.

Por essa occasião appareceram em S. Carlos a cantora Librandi e a Bovay, que formaram dois partidos. Ferrea Aragão que era a favor da Librandi fez resuscitar a sua *Revista Theatral* e ali abriu campanha contra a Bovay, então uma das estrellas do mundo lyrico d'aquella epoca.

O *Artista*, outra folha de theatros, não receou medir-se, com o ardor que dá a convicção, com a *Revista* e arvorou-se em paladino de Bovay.

Entretanto o *Artista*, apesar da justiça da sua causa, veiu a succumbir depois de ter publicado 11 numeros, mas a *Revista*, que chegou a crear fama, só veiu a fallecer em janeiro de 1849¹.

Na epoca de 1843-1844 ainda se publicaram o *Raio Theatral* a que já me referi, e que durou só tres mezes contados de outubro a dezembro de 1843. Este jornal é notavel pelo seu engraçado artigo de apresentação, escripto em estylo biblico.

Eis alguns periodos do referido programma:

«No principio a falta de dinheiro creou o jornalismo.

«E o Jornalismo vendo que lhe minguava materia disse:

«Façamos jornaes que tratem de theatros á nossa imagem e similhaça, os quaes analysarão as operas, as danças e a vida mais intima dos cantores, actores e dançarinas e dominem em todo o Palco-Scenico.

«E o *Jornal dos Theatros* appareceu.

«E então os emperezarios começaram a dar entradas de graça e foram elogiados.

«E o jornalismo viu que a sua obra era boa e disse:

«Crescei e multiplicaes-vos e grangeae assignantes que paguem.

«E os jornaes de theatros tornaram-se insoffridos, comendo do fructo da arvore do bem e do mal e nasceram os da opposição theatral.

«E o jornalismo disse para o jornal dos theatros:

«Para que fizeste tu isto?

«Responde-lhe elle:

«Porque vejo theatros sem pagar.

¹ Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe parte d'estes dois periodicos, mas encadernados juntamente, como formando o mesmo jornal. De sorte que ao n.º 5 da *Revista Theatral*, de Ferrea Aragão, datado de 15 de dezembro de 1847, segue o n.º 6 da *Revista* de Mariano Cabral com a data de março do mesmo anno.

«E o jornalismo torna a replicar:

*Pois que assim o fizeste tu és maldicto entre todos os da tua especie, andarás de rojo por falta de quem te alimente e não terás meios para pagar á Imprensa.

«Ora o jornal dos theatros prostituiu-se e então começou essa numerosa genealogia.

O Entreacto gerou o irmão gêmeo.

Este a Revista Theatral.

Esta a Sentinella de Palco.

Este o Espelho do Palco.

Este a Fama.

Esta a Vigia.

Esta o Neorama Theatral.

Este a Galeria dos Theatros.

Esta a Revista dos Theatros.

Esta o Raio Theatral.

«E o Jornalismo bradou ao Raio.

«Vae: faze cair sobre todos os impios uma chuva d' enxofre e de fogo; apresenta as injustiças que todos os dias vemos; dize o que é a companhia de S. Carlos. N'uma palavra: fala, assola e arraza tudo.

«E o Raio curvando a cauda, tornou:

•Seja feita a vossa vontade».

Originalissima esta introdução! Dizem que foi escripta por Paulo Midosi.

Com o *Raio*, ou, pouco depois d'elle se ter extinguido, sahiram o *Neorama Theatral*, que só publicou tres numeros, a *Ulyssea Dramatica* repositório de peças theatraes mais applaudidas no Theatro da Rua dos Condes e no das Variedades Dramaticas; o *Espreitador* que entreteve polemica com o *Palito*, de Lopes de Mendonça e o *Imparcial*, do qual apenas sahiram 12 numeros.

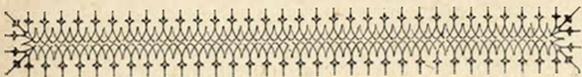
Em 1845 publicaram-se o *Correio dos Theatros*, o *Interprete* e o *Echo dos Theatros*, este ultimo redigido por Silva Leal, e que só poude publicar uns quatro ou cinco numeros, passando depois a denominar-se *Lysia Dramatica*.

O *Relampago*, que tomou por divisa: *Arte e Progresso*, e que foi contra a celebre cantora lyrica Rossi-Caccia, só se publicou durante os mezes de maio e junho de 1845.

Depois vieram o *Mundo Dramatico*, o *Apollo* e ainda outros, mas todos elles de nenhuma importancia.

Continua.

SILVA PEREIRA.



VARIÉDADES

Mais uma vez temos de noticiar fóra do seu logar o recebimento de livros que tem a amabilidade de nos of-

ferecer porque a falta d' espaço nos não permite fazel-o na sua secção especial. Detestamos o *recebemos e agradecemos* e por isso só agora que os theatros vão fechando, daremos larga cabida a essas apreciações. Os livros com cujos auctores queremos saldar uma divida de delicadeza, são: *A filha do regedor*, de Antonio Campos Junior; *Ermete Novelli, ricordato di volo.* de Gaspere di Martino, e a *Biblioteca Española—La reforma literaria*, de D. Lorenzo d' Ayot.

Dos innumerous jornaes que temos recebido e que muito agradecemos, daremos depois a relação.

A companhia italiana de operetta que agora funciona no theatro D. Amelia é de ordem tal que até os proprios jornaes affectos á empresa se viram na obrigação conscienciosa de declararem que dá azo a pateadas. Effectivamente as tem havido em quasi todas as peças e, em honra dos Dallots, dizemos que temos visto em feiras magicas muito mais engraçadas e mais bem postas do que a *Fada Befana*. O *Abraçadabra* é-lhe cem vezes superior. Não discutimos o ignobil d'esta exploração indigna de uma capital, porque nos julgamos muito superiores a essa discussão.

Entretanto o *Seculo* (tiragem 57:000 exemplares) não tendo já por onde louvar a tal companhia e julgando como nós, ao que parece, achar-se na feira, não em uma barraca-theatro mas n'uma d'essas outras que ao lado d'aquellas funcionam com o nome de *Cafés cantantes*, diz d'ella o seguinte:

Re e coscritto—No desempenho distinguuiu-se a sr.^a F. pelo bem proporcionado da figura e airocidade do busto.

Bocaccio—A sr.^a F. tem soberba plastica. . .

D. Pedro de Medina—A sr.^a F. cuja figura e plastica tanto se presta a. . .

Como *critica theatral* devemos confessar que é um cumulo.

Por caridade!

Ainda o *Seculo*, não tendo, como acima dizemos, companhia no D. Amelia a que dignamente possa fazer os costumados reclamos, destampa a elogiar o theatro e os seus fundadores na cantata habitual. Cada um, claro está, entende e faz valer á critica theatral á sua conveniencia. Elogiar as pernas das actrices ou a bizarrria de uns commerciantes que empregaram os seus capitães n'um theatro como os poderiam empregar n'uma carvoaria—tudo é *critica theatral*.

—Que, diz elle, a tal empresa de commerciantes, do tou Lisboa com um dos seus melhores theatros, *uma optima casa d'espectaculos, a mais elegante e confortavel de todas as que possuimos*. (O que é verdade). — *Que não se encontra, mesmo no estrangeiro, muitas que com ella possam rivalisar*. (O que parece mentira, mas que tambem é verdade). — *Que foi este um melhoramento importantissimo, representando um acto de benemerencia dos illustres (?) capitalistas*. (O que não é verdade: representa um acto commercial e não um acto benemerito. Benemerencia seria com o mesmo dinheiro fundar um asylo gratuito e não um theatro de especulação). — *Que as magestades (até as magestades servem para os reclamos da casa) fizeram d'ali o seu ponto predilecto*. (Verdade amarga. A D. Maria pouco vão). — *Que se tem visto ali celebidades artisticas conhecidas e proclamadas em todo o mundo*. . .

Ora é aqui que nós queremos metter o nosso bedelho. Se ninguem contesta (discutir, não é contestar) o valor de Novelli, as qualidades materiaes da companhia de Gargano, a novidade de uma ou outra companhia estrangeira, o que é verdade é que a empresa não tem patrocinado nma só companhia portugueza, tem impingido com consciencia ou sem ella, muitas companhias de ultima classe (como a que actualmente ali funciona) e quer obrigar o publico a acceitar tudo por bom, e isto á força, por meio de borlistas conhecidos e de reclamos mal feitos por chronistas sem auctoridade.

Esta é a nossa grande queixa contra a empresa e não outra, que dos *illustres capitalistas* nada queremos, nem o almejado bilhetinho gratuito o qual nem os principios d'esta *Revista* nem os dos directores d'ella permittiriam acceitar.

Sem o reclamo balofo, banal e tolo que, todos os dias e a proposito de tudo, se faz áquella empresa, nós seriamos os primeiros a attenuar-lhe muito certas culpas porque longe de crer na sua *benemerencia*, bem sabemos, como toda a gente, que para explorar o publico em theatro ganhando com elle dinheiro, só pode ser retemperando com uma companhia mais barata mas mais concorrida, os prejuizos deixados por uma companhia cara mas que o publico tenha deixado ás moscas. Mas ha reclamos e reclamos, como no dizer de Molière ha *fagots e fagots*. Ha o reclamo bem feito que a gente reconhece mas digere, ha o reclamo brutal que não digere mas que é indifferente e ha o reclamo tolo e nescio, que indigna porque esse é o que desvirtua a boa opinião do publico e que o illude na sua ignorancia.

Ora isto é que a *Revista*, jornal especial de theatros, que todos os dias batalha para levantar de sobre o publico um bocadinho do véu que obscurece a sua maneira de ver Theatro, não pode consentir calada. Luctar dia a dia pela verdade, repellindo a todo o instante inimizadas biliosas, vaidades sopradas, caprichos insensatos para ver destruir em generalidades os principios mais fundamentaes da Arte, isso não.

Vous me protegez trop, dizia o velho Hugo pela voz de *Cezar de Bazan*. Ha jornaes que prejudicam com a sua protecção o D. Amelia e prejudicam-n'o porque essa protecção é inepta e mal cabida.

Que se elogie este ou aquelle artista, sem o merecer mesmo, passemos; todos sabem o valor d'esses elogios, — mas que para os elogiar se encha a bocca de nomes proprios, designativos de uma individualidade artistica, de uma celebridade certa e *garantida*, contessem, que de bom estomago é o permittil-o. Como esta gente fala do Mounet (tu cá tu lá), da Guerrero (celebridade discutivel) e do grande Irving, — nenhum dos quaes viu em sua vida porque a verdade é que elles não cruzam todos os dias o caminho que leva do D. Amelia á praça do Municipio — do *Deloné*, tudo isto d'envolta com a Cubas, com a Gonzalez e com as pernas da Surano.

E' pasmoso!

Emmanuel, o colossal tragico naturalista, o rival de Irving, os dois primeiros tragicos da actualidade, superiores mesmo ao Mormet-Sully (leia-se *Moumet-Sully*) — isto tudo diz o chronista do *Seculo*. Palavra, todas estas baboseiras horrificas veem a seguir e d'uma cabazada só.

Analysemos: *Emmanuel colossal* — leiam bem — e, alem de *colossal*, tambem *tragico-naturalista*. Juntem as duas palavras por um traço d'união e vejam bem a idéa pyramidal que d'ali sae. *Rival de Irving*. Rival! Em quê? Irving, antes de tudo, não é *tragico-naturalista*. Irving é o classico respeitador da Tragedia, o depositario da gloriosa tradição de Shakspeare e que não iria, no proprio paiz que tanto se vangloria, e com razão, do seu mais grandioso genio dramatico, deturpar as intenções do creador para ser agradável aos modernos apreciadores da pseudo-arte-dramatica-moderna. Inglaterra, o paiz conservador por excellencia, a terra do rão-rão e das convenções, das praxes e das tradições, a acceitar, como um dos mais notaveis, um tragico seu que lhe deturpasse a sua maior obra theatral! Irving e Shakspeare fazendo o *Othelo* ou o *Hamlet* em cuécas ou de *pierrrot*! Que mal empregado tempo em refutar taes asneirolas! Irving certamente tem papeis comicos a que dá um tom moderno, como no *Much ado about nothing* por exemplo, mas no *King Arthur* ou no *King Lear* não faz rir ninguem com as truancices com que no D. Amelia alguns *tragicos-naturalistas* teem feito pasmar alguns papalvos de Lisboa para divertimento seu particular. Porque n'este caso o que ri mais no fim, creiam-n'o, são os taes *tragicos-naturalistas*, que bem sabem o que estão fazendo e o que depois vão dizer de nós lá para fóra.

Mounet-Sully nunca veio cá. e, medindo-o talvez pela companhia *parisiense de Marselha*, ahí temos o nome do grande artista misturado tambem nos taes reclamos onde já vimos que até as magestades não escapam.

Mounet tem um repertorio seu e só seu e em que não é rival do *colossal* Emmanuele nem de ninguem, porque, bom ou mau, o que faz é seu, muito seu, e pode-se discutir, pode-se mesmo não gostar, porque a maneira de Mounet é muito especial, mas o que é incontestavel é que o *Oedipe-Roi* e o *Creon* de Sophocles, o *Polyeucte* e o *Horace* de Corneille não encontram rivaes em qualquer *colosso* do D. Amelia porque não o encontraram ainda mesmo em nenhum outro colosso lá de fóra.

De qualquer d'estes artistas, prepara a *Revista* estudos profundos, e d'um d'elles mesmo, Irving, espera-o de Londres um d'estes dias, e então desenvolverá os processos e as suas maneiras especiaes de representar.

Até lá, srs. criticos, eduquem-n'os, mas não nos pervertam.

E' um crime o que estaes praticando.

E' por caridade, que o pedimos, e pedimol-o, de direito e muito especialmente, ao sr. Vereador do Pelouro de Beneficencia.

Caridade, sr. l Mais caridade... e menos tolices!

Escrevem que o actor Taveira, do Porto, vae fazer para o Brazil o *Rei Lear* de Shakspeare.
Quem nos déra ver.

Dois companhias para o Brazil.

A primeira, sob o nome de «Amelia Vieira», leva esta actriz como primeira figura e é composta dos artistas do Principe Real de Lisboa: Maria das Dôres, Adelina Ruas, Elvira Costa, Valle, Costa, Ferreira, etc. A segunda é *in nomine* apenas, a companhia do theatro que o actor Taveira dirige no Porto, e *in nomine*, dizemos, porque os elementos de que ella se compõe são completamente diversos dos que a formam habitualmente. Assim, as tres mais importantes figuras da companhia — Angela Pinto, José Ricardo e Emilia Eduarda — não saem de Portugal, partindo em compensação Telmo, do Gymnasio de Lisboa; Santos, do D. Afonso do Porto; Justino, de um theatro da ilha da Madeira; Setta da Silva, do Rua dos Condes, etc.

Um jornal de Milão — *L'Amico degli Artisti*, de 16 de maio — diz que o emprezario do nosso theatro de S. Carlos deixou de pagar na época finda a muitos artistas e coristas que nem meios tiveram para voltar para a sua terra.

Escrevem em Italia que da companhia d'Emmanuele fez grande impressão em Lisboa uma actriz chamada Varini.

Fez?

Epitaphio da sepultura de Gil-Vicente escripto por elle mesmo.

O gran juiso esperando,
Jaço aqui n'esta morada;
Tambem da vida cansada
Descansando

Pergunta-me quem fui eu,
Attenta bem pera mi,
Porque tal fui coma ti,
E tal has de ser com'eu,
E pois tudo a isto vem,
O lector, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha-te bem.

Ao Aureneta :

Nós não dissémos que se representa em Lisboa a *Paquita*; tirámos a noticia d'um jornal italiano.

Representa-se por cá tanta cousa exquisita, que não queremos carregar com mais esta.

No Opera de Paris um contrapeso do lustre cahiu sobre uma espectadora que ficou morta. Foi tamanho o pânico que houve innumeros ferimentos. Todos julgaram que havia fogo.

Original a idéa de um acto hespanhol que Novelli apresentou em Madrid. Chama-se a peça *Los domadores* e o seu auctor Sellés.

Trata-se de um criminoso que tendo preparado uma bomba vae, antes de a lançar, ver pela ultima vez a mulher e o filhito que adora. Entra em casa e atira para cima de uma cadeira a jaqueta em cuja algibeira a bomba se occulta. O pequeno trepa á cadeira, senta-se e adormece sobre a jaqueta do pae. Este horrorisado, treme, vacilla... — O que ha-de fazer? — Ao mais pequeno movimento irá tudo pelos ares! — Como sahir d'ali a creança sem perigo?! Tantos são as questões que se lhe entrecruzam no cerebro allucinado até ao momento em que n'um impeto lucido exclama:

— Ah! a mãe... a mãe que o affaste d'ali... em cousas tão delicadas só um coração de mãe sabe tocar.

Retemperado de lucta tão extraordinaria, as suas idéas sociologicas abrandam e entre os seus dois *domadores* goza d'ahi em diante a felicidade que só o trabalho honesto e o amor da familia podem trazer.

Bonito.

A peça teve um exito ruidoso ao que temos nos jornaes hespanhoes.

A familia dos Garcias.

Manuel Garcia, filho, acaba de entrar no seu 90.º anno d'idade.

Aproposito vem a historia d'esta dynastia.

Manuel Garcia, pae, refugiou-se em Napoles durante as guerras napoleonicas. Dotado de uma bella voz de tenor dedicou-se a dar lições de canto, estabelecendo-se mais tarde em Paris onde ensinou seu filho e toda a familia. Em *tournee* pela America, ali conseguiu fazer representar o *Barbeiro de Sevilha* com a seguinte distribuição: *Almaviva*: Garcia pae; *Figaro*: Garcia filho; *Bertha*: Garcia mãe; *Rosina*: Garcia filha, que depois foi a celebre Malibran.

O nonagenario Garcia filho foi em tempos professor do Conservatorio de Paris e da Real Academia de Musica, de Londres.

Conta um jornal italiano uma anedocta que por menos crível nem por isso é menos interessante.

Na primeira representação de *Magda* dada pela Sarah em New-York, o publico distinguiu um actor pela sua contrafeita apresentação em scena, pela má compreensão do papel e pela falta extraordinaria d'atención ás deixas e ás replicas. A indignação foi tal que o actor foi fortemente assobiado. No dia seguinte, porém, toda a imprensa lhe fazia rasgados elogios.

Segue-se a *Gismonda*. O mesmo actor, os mesmos protestos e os mesmos elogios da imprensa.

E' enorme o escandalo!

Vem depois a saber-se que o mau actor é um grande millionario que, apaixonado por Sarah, ideou aquelle meio de se lhe approximar, e que a maior parte dos criticos devendo-lhe favores especiaes, não se atreviam a dizer mal d'elle, talqualmente como em Lisboa.

No fim de contas, o caso pode ter-se dado porque Richopin e Damala não são dois mythos e ambos, por amor, não desdenharam contrascenar com a Sarah.

Um enguico curioso das peças de Ambroise Thomas! Perguntando-se porque andam sempre tão esquecidas as operas de Thomas, alguém se lembrou de colligir os seguintes apontamentos:

«Em 1869, ardeu o Opera no dia em que se annunciou a centessima representação do *Hamlet*».

«Representava-se a *Mignon* quando ardeu o Opera Comica, e foi tambem durante uma representação da *Mignon* que o theatro das Artes, de Rouen, foi incendiado».

«Emfim, em Philadelphia tambem se cantava a *Mignon* quando o fogo pegou no theatro.»

Vê-se pois que a *Mignon* não é, de todas as operas, a que se pode ouvir mais sem cuidados.

* N'uma cidade lá para a America do Norte — estas cousas só na America — ha uma actriz que bispando na plateia o amante de quem tinha grandes ciumes, lhe ferra na cara com um candieiro de petroleo que havia em scena. O petroleo incendeia-se, o fogo pega-se aos fatos dos espectadores, o theatro arde e com elle 150 casas da mesma rua. Os prejuizos são calculados em dois mil contos de réis... o que não é demais para tanta cousa queimada. Comem esta?

Uma coisa que vae desaparecendo d'este mundo é a delicadeza, pelo menos apparente.

Até aqui quem não estava para aturar importunos em casa, mandava dizer-lhes que não estava lá, estando, ou que tinha uma conferencia importante que não podia interromper.

Agora não senhores.

Il Trovatore, o nosso confrade italiano, tem ainda na sua sala d'espera um aviso que resa: «Visitas curtas». Já é meio caminho andado. Mas o *record* tem-n'o, como em tudo, a America. Um jornal ha que afixou na porta o seguinte letreiro «só é permittida a entrada a quem queira fazer assignaturas ou publicar annuncios. Quem não venha com esse intuito ou é massador ou vadio e n'esse caso será expulso e á pancada se preciso fôr», mas elle não dá a ultima palavra sobre o assumpto que ficou reservado para outro periodico de Arkansas e é do theor seguinte: «Pede-se ao sr. D. o favor de não frequentar com tanta assiduidade a nossa redacção, aliás poderá vir a travar conhecimento com a biqueira das nossas botas.»

Pergunta-se: a gaita-de-folles é um instrumento musical?

Na America — continuam as coisas da America — um gaiteiro com tal força soprou no folle que um cavallo espantado com o barulho morreu de repente. O dono do bicho quer perdas e damnos. O homemsinho do folle diz que a gaita é um instrumento musical e que não é coisa prohibida o tocar musica nas ruas. Os juizes atrapalharam-se com o argumento e para acabar a questão disseram ao da gaita que desse 20 libras ao do cavallo, decidindo entretanto, para evitar futuras questões, que a gaita-de-folles — não é um instrumento musical mas sim um «sacco diabolico».

Aviso para os de dia de Reis.

Existe em Inglaterra uma companhia dramatica israelita chamada: *The Hebrew Opera Company* que depois de ter percorrido toda a Grã-Bretanha e a America do Norte se estabeleceu definitivamente em Londres. Representa agora no Standard-Theater uma serie de produções extrahidas dos livros sagrados, das lendas e da historia hebraica. Já subiram á scena: *Moysés*, *David* e *Saul*, *A Sulamite*, *O Rabino Josefman*, etc.